

- « Não é clara, pura e bella ?
- « Vós causaes o medo e espanto
- « Por onde passaes, emtanto
- « Que eu com murmurio sereno
- « Regando mais de um terreno .
- « Fertiliso estas campinas .
- « Sem causar essas ruinas ,
- « Que por vós causadas vejo .
- « Antes sempre bemfazejo :
- « Até que a minha corrente
- « Se confunda finalmente
- « N'esse mar vasto e profundo .
- « Onde um dia, sem segundo .
- « Tocando os mesmos extremos .
- « Ambos junctar-nos devemos . »

---

**CANTATA.**

**A Tarde.**

Já o carro Phebo guia  
Para o Occaso, e a fresca tarde  
De mil graças faz alarde,  
Que no ardor do meio-dia  
Como as *Nymphas* aos umbrosos  
Bosques tinham-se acolhido .

Enquanto nos Céos radiosos  
 Sirio andava enfurecido.  
 Já lá vão pelas campinas  
 Com os Satyros brincando,  
 Alegres canções cantando,  
 Que só tu, amor, ensinas.  
 Oh! quanto ouvil-as é grato  
 A' sombra de freixo annoso,  
 Juncto a um limpido regato  
 Que serpentêa queixoso.  
 Entre os ramos buliçosos  
 Virações suaves calam;  
 Umás sobre elles se embalam  
 Outras nos prados viçosos  
 Co'as tenras plantas se acamam,  
 Que amorosas não resistem;  
 Ou, si mais os crystaes amam,  
 Onde as Nayades assistem,  
 Brincam com ellas no rio,  
 A correr como apostadas;  
 E ás continuas revoadas  
 A corrente encrespa o fio:  
 Só Zephiro em seus amores  
 Queixoso da má ventura,  
 Busca a Flora, que entre as flôres  
 Se lhe esquivava ingrata e dura. (a)

Coitado! como suspira  
 Da Deusa a cada negaça:

Aqui e alli esvoaça,  
Ora após corre, ora gyra.  
Pára ás vezes, e beijando  
Alvos jasmims, rubras rosas,  
Que lhe beija, está cuidando,  
As lindas faces mimosas.

Salve, risonha tarde, tu que mettes  
A alegria em minha alma! escuras sombras  
Turbar não possam teus serenos ares.  
Quanto és de mimos rica, se passêas  
Os floridos pomares,  
Que amorosa e tão linda  
Com tua grata vinda aformosêas!  
Tu, nos restauras com as frescas auras  
O vigor que o calor amortecera;  
E assim que amena pisas  
A clara, azul esphera,  
Que de rubins e de ouro,  
E perolas matizas  
De teu rico thesouro,  
As fabricadas sombras deixa o amigo,  
Busca o seu *elle* amado, e em doce abrigo,  
Ou nos jardins amenos,  
Ou nos vergeis serenos,  
Junctos a gozar sãem  
Aquellas buliçosas  
Gratas noites verdosas,  
Que dos docéis copados

No chão revolso cáem :  
Em diversos colloquios engolfados  
Á amizade consagram ledas horas ;  
E os amantes saudosos  
Te cantam ternos hymnos ;  
Porque é tambem então que de cançado  
Um terno coração em seu cuidado ,  
Na muda soledade  
Procura á saudade  
Doce , suave , e brando desaforo .  
Teu temperado fogo  
Dá vida nova ás plantas ,  
Ar e campo cheiroso , as aguas claras ;  
E aos troncos transmutando as frescas sombras ,  
Nos torrões aquecidos  
O tapete desdobras ;  
De mil brincadas obras  
Vestes os horisontes ,  
E nos lavados montes  
Soltas a froxo as luminosas tranças .

Mas que me falta a mim , que menos gratos  
Me torna estes encantos ?  
És tu , saudosissima amizade ,  
Por quem ancioso o coração palpita :  
De teu tracto distante ,  
Que extenso horrendo vacuo me rodêa ! (b)  
Tu porém engenhosa , quam benigna ,  
O vôo amiudando

Da penna officiosa,  
As distancias encurtas,  
E de vivas idéas  
Lavras na fantasia as pontes firmes,  
Per onde vaes segura de alma a alma  
O commercio manter do pensamento.  
Assim te gozo, ó Castro, (c)  
Cá no sem ti Mondego escuro e triste,  
D'antes ledó e sereno,  
Quando o suave mel das lecções tuas  
Bebia em taças de ouro:  
Tu me aplanaste os escabrosos serros  
Da difficil *Sciencia*:  
Tu eras meu fanal na escura noite:  
As solidões contigo povoava;  
Que tanto poder tens, ó Sapiencia!  
Mas que doce influencia  
Me banha o coração? Eis Castro, eis Castro! (d)

ARIA.

Assim o astro  
De Phebo irmão  
Tem tal doçura,  
Quando co'a alvura  
Do seu clarão  
Ledo pratéa  
Da noite sêa  
A escuridão.

---